

## VIOLÊNCIA E SUAS MANIFESTAÇÕES NO COTIDIANO ESCOLAR: UMA ABORDAGEM TEÓRICA SOBRE RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

HELENICE BASTOS BATISTA ROCHA<sup>40</sup>  
MARIA DE FÁTIMA DE ANDRADE FERREIRA<sup>41</sup>

### Introdução

A sociedade brasileira, marcada pela diversidade e pelas constantes transformações nos diversos espaços de relações sociais, requer mudanças significativas no cenário educacional, inclusive no que se refere às relações étnico-raciais, seguidas das intersecções raça, gênero, classe social, sexualidades, religião, dentre outras.

Essas questões relacionadas a convivência entre brancos, negros e índios na sociedade brasileira não são novas. Desde a chegada dos colonizadores europeus no século XV, no Brasil, que as condições da colonização criaram formas de relações complexas, multifacetadas, obedecendo as regras do sistema escravista contra índios brasileiros e, posteriormente com africanos escravizados, resultando em massacres, aprisionamentos, promiscuidade, enfim, em diversas modalidades de violências, racismos, autoritarismos.

A escola, atualmente, aparece de maneira acentuada como espaço onde se multiplicam diferentes formas de violência, autoritarismos e o racismo é um fenômeno que se destaca como uma situação preocupante e vem se constituindo, a cada dia, permeado por contradições, conflitos, intolerâncias, *bullying*, uma prática que se intersecciona com as categorias de gênero, etnia, classe social, pautado pela falta de respeito ao outro – o negro.

No entanto, o contexto escolar é reconhecido como um espaço propício

---

<sup>40</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGEn), com área de concentração em “Ensino na educação básica” com base na linha de pesquisa Ensino, Políticas e Práticas Educativas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Licenciada em Geografia (FTC) e Pedagogia (UNEB). E-mail: [helenice.bastosh@gmail.com](mailto:helenice.bastosh@gmail.com).

<sup>41</sup> Pós-doutorado em Antropologia Social (UFBA). Doutora em Educação (UFBA). Professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Professora permanente do Mestrado em Ensino (PPGEN, UESB). Coordenadora NUGEEET e da Rede de Pesquisa Representações, Discursos e Violência na Escola (UESB/FAPESB). Orcid iD <https://orcid.org/0000-0003-4094-6741> E-mail: [mfatimauesb@hotmail.com](mailto:mfatimauesb@hotmail.com).

para as interações e a socialização dos diversos indivíduos, o lugar da diversidade, onde se deve entrelaçar, em diferentes dimensões, as várias fases da vida. É um espaço apropriado para que as divergências de ideias possam ser contempladas e, na maioria das vezes, nos seus ambientes diversos também geram conflitos que precisam ser intermediados com intervenções pautadas pelo diálogo, respeito e valorização das diferenças.

O contexto escolar é, portanto, um dos primeiros locais que se inicia a socialização do ser humano, desde a formação da criança a sujeitos adultos, e nessa desenvoltura temporal existe um processo de ensino-aprendizagem que está para além dos livros didáticos. E nessa trajetória, a vida em sociedade carrega valores arraigados e na construção do conhecimento, os conflitos entre sujeitos na escola são desvendados no ato de intimidar em sua maioria, pela coerção e menosprezo.

Nesse contexto social, as manifestações de violência nas relações de interações entre alunos são diversas e os racismos tornam-se práticas insustentáveis nos espaços escolares e exige questionar a origem da violência expressa em palavras, agressão física, exclusão ou até mesmo, o silêncio.

Ao analisar essa realidade na prática educacional, emergiu o interesse pelo estudo dessa temática, visando a busca de ferramentas que permitam conciliar as diferenças de forma harmoniosa dentro do contexto escolar e identificar as causas das manifestações de violência e racismos que, a cada dia, se instalam no âmbito das instituições de ensino, causando danos irreversíveis e amplitude social, que requer o constante repensar das ações educativas e dos conteúdos curriculares.

Portanto, este trabalho é um recorte da pesquisa do Mestrado em Ensino, em andamento, do Programa Pós-Graduação em Ensino, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB, que tem como objetivo analisar as relações étnico-raciais entre alunos, bem como promover o desenvolvimento de estudos embasados numa vivência harmoniosa na Escola Y, sediada no território de Identidade Bacia do Paramirim, observando também as atitudes que se caracterizam em manifestações de violências, especificamente, os racismos envolvendo as relações de gênero, etnia, classe social e, de que forma a escola tem (ou não) contribuído no combate a essas questões na sala de aula e noutros

ambientes de convivência dos alunos, professores-alunos.

### **Violência, diversidade e o respeito às diferenças no contexto escolar**

É na escola que as diferenças se concentram, sejam elas de gênero, raça, etnia, religião, classe social, dentre outras e conciliar a diversidade se torna um desafio constante para os educadores e a equipe gestora, onde propostas focadas no respeito às diferenças precisam ser desenvolvidas numa dimensão social para englobar todos os envolvidos nesse processo.

Contudo, percebemos que a cada dia as violências se multiplicam nas escolas, principalmente as relacionadas a racismos, seguidas de autoritarismos e, nesse sentido, as relações étnico-raciais no espaço escolar apresentam-se como uma preocupação para a escola resolver, pois, cotidianamente, os preconceitos, a discriminação e intolerâncias contra alunos negros são manifestações de violências que tem diretamente se relacionado à baixa auto-estima, ao sofrimento por *bullying*, ao sentimento de inferioridade, resultando no baixo desempenho do aluno e ao seu fracasso escolar.

Desse modo, a problemática da violência no cotidiano escolar precisa de enfrentamento e mecanismos para o seu combate, pois não dá mais, o racismo precisa dar uma trégua e de punição. A escola precisa buscar mecanismos de combate a essas práticas nos ambientes de convivência entre os sujeitos da comunidade escolar. No entanto, no campo de estudo da violência escolar, uma das grandes dificuldades dos pesquisadores é definir a própria violência. O que é violência? O que pode ou não ser considerada violência na escola, da escola, contra a escola, dentro da escola?

Ferreira (2017, p. 31) questiona: - Mas, afinal, o que é violência? E a violência na escola? Nesse mesmo momento, a autora busca uma resposta para as duas questões, respondendo que a violência é um

*Termo de difícil definição, de caráter complexo, multicausal, plural, carregado de polissemia e ambiguidades, que possui características, significados e sentidos diversos. Desse modo, a violência na escola é uma possibilidade sempre presente nos espaços escolares e se apresenta relacionada com diferentes formas de comportamento, atitudes e dominação que se manifesta nos níveis diversos de legitimação e poder (2017, p. 31).*

Observamos, assim, que o problema da violência não é, simplesmente, enfrentar suas manifestações para combater suas ações na escola, mas procurar conhecer suas características, significados e sentidos diversos, como diz a autora, pois o bárbaro invade o espaço urbano e a escola. E, como afirma Maffesoli (1999, p. 15), "E, pouco ou muito, nós fazemos parte dela", a violência. "É, pois, pueril e vão condenar um tal processo. Vale mais olhá-lo de frente, quanto mais não seja para melhor o canalizar".

Essas são questões que ainda não há consenso entre os pesquisadores, mas muitas reflexões importantes sobre o fenômeno tem se ampliado e encontrado instrumentos importantes para o combate aos racismos, violências e autoritarismos nos espaços escolares, inclusive a "educação das relações étnico-raciais através da Lei 10.639 de 2003, considerada um marco na luta pela superação da desigualdade racial na educação brasileira.

Esta Lei altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996 e torna obrigatório o estudo da temática História e cultura Africana e Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino da Educação Básica das escolas públicas e privadas.

Essa é uma questão bastante complexa e tem sido discutida por diferentes áreas do conhecimento, pois, para combater as violências nas escolas brasileiras é preciso entender que é importante e necessário combater os autoritarismos, os racismos, os (pre)conceitos, as práticas de intolerâncias e de discriminação no espaço escolar.

Abramovay e Rua (2002, p.295) enfatizam que a violência na escola é um problema que precisa ser combatido e para

*Tratar de violência na escola significa lidar com uma interseção de elementos, isto é, um fenômeno de uma nova ordem e não simplesmente o somatório dos objetos "escola" e "violência". É um fenômeno singular, pois envolve práticas sociais que, para serem compreendidas requerem um olhar que não as reduza a meras extensões de práticas violentas ou escolares (ABRAMOVAY e RUA, 2002, p. 295).*

Partindo desse pressuposto, entende-se que os aspectos vinculados à violência escolar são amplos e diversos, atingem uma dimensão social, dificultando assim uma delimitação precisa dos fatos compreendidos como situações de violência. Daí, a necessidade de observações constantes, análises e

estudos mais aprofundados que possam levar a conclusões mais acertadas desse fenômeno em suas múltiplas facetas, diversas tipologias e modalidades.

Dentre as violências mais frequentes, aparece o racismo, por exemplo. A discriminação e os preconceitos que ocorrem no interior das escolas e surgem, então entrelaçados e o fenômeno das violências e suas relações com o racismo, principalmente com emprego da violência simbólica. Assim, o racismo na escola se manifesta de diversas formas e algumas ocorrências são tomadas pela escola como corriqueiras, no entanto, devem ser observadas com mais atenção e cuidado.

A violência simbólica, de acordo com Bourdieu (2003, p. 47)

*[...] é essa coerção que se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceber ao dominante ( e portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para se pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem essa relação ser vista como natural, ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro, etc.) resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto.*

Nessa dimensão, a violência simbólica se difere das demais e apresenta uma forma sutil de dominação, sua característica marcante que promove a aceitação do dominado e gera a exclusão social. E no contexto escolar, os racismos se integram de forma disfarçada, multifacetada, combinados na maioria das vezes com a discriminação de classe social, gênero, etnia, deixando marcas cruéis em suas vítimas que se encontram sem instrumentos para a própria defesa.

A partir da concepção de Bourdieu (2003) sobre a violência, podemos observar que Munanga (2003, p. 6) reforça esse entendimento bourdiano da violência simbólica e diz que “o conceito de raça [...] nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e dominação”. A teoria dos campos e dos habitus em Bourdieu (2003) reconhece a complexa pluralidade de mundos sociais e seus sujeitos, as suas dinâmicas relações de

interação entre as estruturas objetivas e as subjetivas, as estruturas mentais que se instalam nas sociedades modernas e contemporâneas. E, a escola, parte da sociedade contemporânea não está livre dessas questões. E, no campo simbólico, constituído por diferentes maneiras de ver o mundo, de pensar e agir, dá-se a produção das violências simbólicas.

Para Bourdieu (2003, p. 239), a violência simbólica “é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita daqueles que a sofrem e também, frequentemente, daqueles que a exercem na medida em que uns e outros são inconscientes de a exercer ou a sofrer”. A verdade é que este tipo de violência é cruel, perversa, pois é uma violência de dominação simbólica e aprisiona o outro de forma coercitiva, muitas vezes, não deixando nenhuma brecha para a reação contra esse domínio.

Dessa forma, é de suma importância a desconstrução dos estereótipos de “melhor” ou “pior” e dos preconceitos raciais que atingem principalmente negros, indígenas e todos aqueles que não se enquadram no padrão social colonizador e autoritário, se tornando vítimas de uma sociedade discriminatória e preconceituosa, marcada pelos resquícios de poder e dominação colonial.

Essas características da formação da sociedade brasileira são consequências da forma de relacionamentos capitalistas e colonizadores, autoritários, e que ainda prevalecem nos dias atuais através de gestos, ações e outras formas de manifestação de preconceito e violência concentrados na sociedade e, certamente, no contexto escolar.

A partir dessa compreensão, é importante ressaltar que os preconceitos vinculados às questões de gênero, raça e etnia estão presentes nos diversos espaços sociais, gerando outros fatores desencadeantes de manifestações de violência de ordem diversa.

Diante disso, Munanga (2003, p. 7) afirma que:

*Uma sociedade que deseja maximizar as vantagens da diversidade genética de seus membros deve ser igualitária, isto é, oferecer aos diferentes indivíduos a possibilidade de escolher entre caminhos, meios e modos de vida diversos, de acordo com as disposições naturais de cada um. A igualdade supõe também o respeito do indivíduo naquilo que tem de único, como a diversidade étnica e cultural e o reconhecimento do direito que tem toda pessoa e toda cultura de cultivar sua especificidade, pois fazendo isso, elas contribuem a enriquecer a diversidade cultural geral da humanidade.*

Com base nessa visão, observa-se que a realidade brasileira ainda se encontra muito marcada pelos padrões de classificação, negando a valorização da diversidade em sua dimensão mais ampla, para que todos os indivíduos sejam contemplados e valorizados de forma igualitária no âmbito pessoal, social e profissional.

### **Violência na escola: as intersecções de raça, etnia e gênero**

A violência não é um fenômeno recente, mas um problema social e histórico presenciado em diversas sociedades e, na escola é um fenômeno que assusta a comunidade local. E a escola, parte integrante da sociedade, não escapa desse fenômeno vil, multifacetado, diverso e complexo e quando a violência se manifesta por marcadores sociais, como por exemplo, raça, classe social, etnia, gênero delineiam hierarquias, subordinação e apontam os lugares observados como naturais, seguidos de violência de dominação simbólica.

Podemos assim observar frequentes episódios nacionais de ações agressivas acontecem dentro e fora do espaço escolar, como, recentemente, ocorreu “o Massacre de Suzano”, na Escola Estadual Professor Raul Brasil, em São Paulo, em que dois estudantes mataram cinco colegas e duas funcionárias e, logo depois, se suicidaram por consequência de *bullying* (GIL, 2019).

Spósito (2001) lembra que a violência nas escolas vem acontecendo em todo o país, se tornando uma questão de interesse público a partir da década de 1980, motivando pesquisas científicas sobre este relevante tópico. Desse modo, a convivência e valores entre alunos é um desafio da prática pedagógica, pois, no contexto escolar, a violência é diversa e se multiplica no seu cotidiano. E, diante das exigências sociais e de práticas pedagógicas para lidar com ações subversivas que alunos vivenciam em seu cotidiano, é preciso encontrar estratégias para combater manifestações de violência nas escolas, especificamente os racismos que a cada dia se intensifica contra o cabelo black power, a cor da pele, origem étnica, dentre outras formas de não aceitar a diversidade e de institucionalização da imagem negativa que a pessoa negra faz de si mesmo, alimentando o branqueamento, de um lado, e a rejeição e

negação dos valores culturais negros por grupos diversos e seus colegas na escola.

Munanga (2005) e Silva (2005) têm procurado mostrar que estudar as africanidades brasileiras, os legados africanos significa tomar conhecimento, observar e analisar um jeito peculiar de ver a vida, e os racismos precisam ser combatidos por meios de diálogo, ações educativas e luta pela dignidade própria, bem como pela identidade de todos os africanos e afrodescendentes.

Dessa forma, não podemos permitir que a violência se multiplique cada vez mais sem tomar decisões acertadas para seu controle, enfrentamento e combate nos espaços escolares,

*Há de se enfatizar, no entanto, que a violência na escola não deve ser vista simplesmente como uma outra modalidade de violência juvenil, pois sua ocorrência expressa a intersecção de três conjuntos de variáveis independentes: o institucional (escola e família), o social (sexo, cor, emprego, origem socioespacial, religião, escolaridade dos pais, status socioeconômico) e o comportamental (informação, sociabilidade, atitudes e opiniões) (ABRAMOVAY e RUA, 2002, p.33).*

Partindo dos pressupostos que envolvem as escolas públicas, estas são instituições que deflagram uma maior diversidade de sujeitos, em sua maioria, trabalhadores que trazem de seus cotidianos, dificuldades concretas para o aprendizado proposto em sala de aula. Caso as práticas pedagógicas fogem da realidade do alunado, e a linguagem não seja acessível ao mesmo, a responsabilidade social dessas escolas em propor qualidade na transmissão do conhecimento é falha, gerando uma banalização dos conteúdos ensinados, da figura do professor, do local da instituição, que num processo de problemas em espiral, tem por consequência, além dos racismos, um conjunto de violências, por exemplo, a depredação do patrimônio, e revoltas expressas em violências que revalidam em todos os sujeitos presentes no ambiente escolar.

Na abordagem sobre a depredação escolar, Guimarães (apud Candau, 1999) enfatiza que “as depredações, as pichações, as brigas entre alunos e a formação de turmas e gangues podem representar uma forma de persistência social que se nega a submeter-se” (p.77). E essa realidade não pode ser obscurecida e sim, desvendada. A prática docente é, assim, uma construção coletiva de aprendizado, que tem por objetivo o desenvolvimento integral das

potencialidades do educando, desde as intelectuais, afetivas às criativas.

Para Ferreira (2017, p.77) [...] “a educação deve cumprir o papel de uma socialização das novas gerações”. Para que isso aconteça, é de suma importância que a reprodução mecânica e os modelos prontos de atividades sejam substituídos, constantemente, por situações ‘reais’ de aprendizagem. A escola não pode resolver todos os problemas sociais, esta não é sua função como ambiente de formação, educação e ensino, “mas não pode ignorá-los e menos ainda deixar que permaneçam na ignorância aqueles e aquelas que mais precisam dela” (GUILLOT, 2008, p. 135). Desse modo, o papel do profissional educador é se preparar da melhor forma, abrindo sua capacidade intelectual para compreender a realidade que vive, e a violência que por vezes é expressão da mesma.

Há uma demasiada possibilidade de encarar certas situações de agressividade verbal, psicológica e física que assola a instituição de ensino, muitas delas em consequência dos racismos, no entanto, sem professores preparados para saber lidar com a violência da/nas/contra as escolas, tudo fica mais complexo e difícil como possibilidade de minimizar as situações de conflito e denunciar as dificuldades desses sujeitos no contexto escolar.

Diante disso, a mediação crítica e instigante do professor faz diferença no processo de ensino- aprendizagem, tornando as aulas um universo a ser investigado e compreendido, em que a construção do conhecimento possa estar atrelada à prática do cotidiano de forma contextualizada.

### **Considerações Finais**

Na escola, educar para viver valores não é uma tarefa muito fácil. O desafio é desenvolver práticas educativas eficazes que sejam capazes de trabalhar com atitudes agressivas no âmbito escolar e promover transformações, através de debates e diálogos sobre as formas de pensar e agir, formas de respeito.

Sobre essa questão, Mendes (2009) traz um salto qualitativo para a mudança de perspectivas dos sujeitos vítimas e agressores. Ferreira (2017, p.79) “[...] também traz contribuições à conclusão desta pesquisa quanto diz que a

educação é uma arena importante na transformação da sociedade". A escola deve continuar cumprindo seu papel de educar para a vida, como diz Rodrigues (1992), "a educação é do tamanho da vida! Não há começo. Não há fim. Só a travessia. E, se queremos descobrir a verdade da educação, ela terá de ser descoberta no meio da travessia" (p.39).

Logo, o processo de ação-reflexão-ação constante e de transformação nas práticas educativas com vistas a importância dos estudos, da participação, do diálogo, da reflexão e da coletividade das ações são pretensas maneiras de entender e combater a violência escolar. Os racismos estão dentro da escola, mas também, agem contra a escola e persistem em se esconder por trás das práticas docentes e escolares, como um fenômeno que tem desencadeado terríveis consequências, como o suicídio, o *bullying*, a evasão, a repetência, o abandono escolar, e diferentes formas de agressão e ataques à escolas, seja com armas de fogo, armas brancas e até palavras agressivas.

Portanto, a criança e o adolescente precisam ser observados e educados em valores e direitos humanos e sociais, pela família, pela escola e pela sociedade de modo geral, para aprender a conviver com a diferença e a diversidade. Combater os racismos entre alunos é uma condição para enfrentar as manifestações de violências no espaço escolar, pois a discriminação de raça e etnia nunca estão isoladas e vem acompanhadas de outros tipos de violência, como a de gênero, religião, classe social, entre outras.

## Referências

ABRAMOVAY, Miriam et al. **Escolas Inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas**. ABRAMOVAY, M. (org). Brasília: UNESCO, 2003.

ABRAMOVAY, Mirian; RUA, Maria das Graças **Violências nas escolas**. Brasília:UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Unaid, Banco Mundial, Usaid, Fundação Ford, zoned, Undime, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 6. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CANAU, Vera Maria; SACAVINO, Susana. **Educar em direitos humanos: construir democracia**. 2.ed. Rio de Janeiro: DPSA, 1999.

[FERREIRA, Maria de Fátima de Andrade](#); VERASTEGUI, R.osa de Lourdes Aguilar ;

SAKAMOTO, Bernado. Alfredo Mayta; KUNHAVALIK, José Pedro. **Violência, diversidade e educação em Direitos Humanos na escola**. 1. ed. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2017.

GUILLOT, Gérard. **O resgate da autoridade em educação**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MENDES, Norma Musco. Roma e o Estigma da Violência e Crueldade. In: BUSTAMANTE, Maria Regina da Cunha e José Francisco de Moura. (Org.) **Violência na História**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2009.

MAFFESOLI, Michel. **A violência totalitária**. Tradução Maria Lusovina Figueiredo. Lisboa: Instituto Piaget, 1999. (Coleção Epistemologia e Sociedade)

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

\_\_\_\_\_. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. In: SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO-PENESB. Rio de Janeiro, 2003. Anais... Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoos-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>. Acesso em: 20 de out. 2019.

SPOSITO, Marília Pontes. **Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil**. Educação e Pesquisa, São Paulo: USP, v. 27, n. 1, p. 87- 103, jan./jun. 2001.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras. In MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

Reportagem vista em <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/tiros-deixam-feridos-em-escola-de-suzano.ghtml>